



# Boletim UENP EXPLICA: Ensino de Línguas Adicionais e Inovação

*Ciência e Cultura para todos*

Volume 2/Nº13

(19 de outubro de 2021)

ISSN 2675-3235

ENTENDENDO INOVAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUAS

## ***Inovação e Ensino de línguas adicionais***

por Ma. Fernanda de Cássia Miranda (UENP)

A inovação voltada para o ensino de línguas para as pesquisas da Linguística Aplicada, cuja função objetiva estudar as línguas em seus contextos de uso, é fundamental na formação de professores; e essa perspectiva do Inglês como Língua Franca (ILF) tem sido debatida por teóricos da área, tanto em contextos nacionais quanto internacionais. Ela procura abranger as comunicações em língua inglesa entre interagentes de diferentes línguas maternas e contextos culturais, não enfatizando apenas os falantes, ideologias e aspectos culturais e linguísticos de países do Círculo Interno (Estados Unidos, por exemplo), mas também o (re)conhecimento de outros usos reais e presentes em outros países que falam o inglês, dentre eles o Brasil. No que se refere à formação de professores e ao currículo para o ensino de língua inglesa como língua adicional, a perspectiva do ILF pode contribuir, ao conscientizar os

docentes para as diversas manifestações de uso e variedades do inglês e seu caráter intercultural. devido à sua significativa expansão no mundo contemporâneo, considerando a importância do ensino de inglês pela própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), inclusive. Um olhar mais atento e criterioso com os materiais didáticos de língua inglesa, sob a perspectiva do ILF, também é considerado por teóricos, no sentido de avaliar se há textos que possam trazer alguma ideologia implícita do chamado falante nativo e ainda, textos ou atividades que permitam uma aproximação da realidade dos aprendizes de inglês, com foco na interculturalidade e com amplas representações de falantes de nacionalidades diversas do inglês.

Nesse sentido, a perspectiva do ILF poderia ser uma iniciativa (bastante desafiadora) com propostas de práticas inovadoras ao ensino de

línguas adicionais. Neste caso, a língua inglesa, como forma de repensar e aprimorar seu ensino sob um viés intercultural, crítico-reflexivo, decolonial. Isso pode favorecer a valorização e o reconhecimento de outras identidades, outros aspectos culturais e manifestações linguísticas diversas, além daquelas tão conhecidas e privilegiadas no ensino tradicional de inglês. Seria uma forma de considerar as possibilidades que estivessem ao alcance dentro do espaço escolar, para promover essas mudanças e valorizar a identidade de nossos aprendizes, auxiliando-os na sua construção de sentidos e nas atividades interativas em sala de aula.



## O ESPECIALISTA RESPONDE



Dra. Carolina Toti (UENP)

## Quais as principais inovações no Ensino de línguas adicionais?

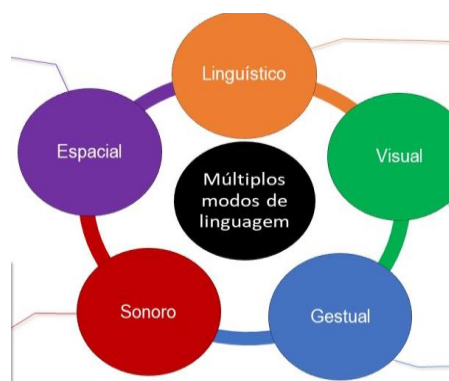
Uma nova compreensão de letramento, para a qual a educação multimodal é fundamental, pode ser considerada uma das principais inovações. A emergência das novas mídias impõe a necessidade da promoção de habilidades voltadas, não apenas para o mundo impresso, mas também para o mundo multimídia.

Para compreender os sentidos produzidos pela associação das linguagens imagética e verbal, combinação típica da comunicação nas novas mídias, são necessárias habilidades outras que não apenas a da leitura de textos escritos. Em outras palavras, a análise crítica de textos multimodais requer o desenvolvimento de competências específicas. É importante, em vista disso, discutir os fundamentos e valores das sociedades que produzem esses sentidos. O ensino de línguas pode, assim, contribuir para a formação de leitores reflexivos, capazes de agir de maneira crítica no mundo multimídia.

## PARA OBTER MAIS INFORMAÇÕES

Entrevista com Henry Jenkins:

<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17190>



Fonte: BUZATO (2021). Disponível em: <<https://ieducacao.ceie-br.org/multiletramentos>>

## CONHECENDO MAIS...

## Educação linguística

por Dra. Micheli G. de Souza (UENP)

Ensinar línguas adicionais é um processo atrelado às tecnologias. A partir dos anos 90, no Brasil, a popularização da rede mundial de computadores desencadeia uma verdadeira corrida tecnológica nas escolas do país.

Atualmente, imposto pela pandemia de Covid-19, foi observado aumento significativo das funções que as ferramentas de comunicação, os dispositivos móveis e plataformas online passaram a ter no dia a dia de escolas e residências por todo o mundo, conectando alunos e professores na impossibilidade dos encontros presenciais. Apesar do protagonismo que as tecnologias costumam ter quando se pensa em inovação, elas, por si só, não garantem experiências de aprendizagem transformadoras.

No campo da educação linguística, algumas das suas contribuições mais significativas decorrem da forma como são utilizadas na configuração de

contextos que favoreçam a construção da autonomia e da criticidade dos aprendizes. Nesse cenário, o papel dos professores é fundamental para a promoção de análises de práticas discursivas do mundo social e digital que valorizem as diversas identidades linguístico-culturais e que, assim, busquem questionar privilégios, desconstruindo discursos de ódio e formas de opressão que circulam globalmente contra grupos minoritários.

Uma perspectiva linguística crítica pressupõe, também, o questionamento do imaginário de um falante nativo ideal e de uma noção de língua como um conjunto fechado e neutro de regras gramaticais. Desse modo, valorizar a diversidade linguística e as identidades dos próprios aprendizes, suas histórias e contextos sociais, isso em contraposição a modelos únicos e hegemônicos de ensino, contribui para a formação de sujeitos que podem atuar na transformação do mundo social.



# editora uenp

[atendimento.editora@uenp.edu.br](mailto:atendimento.editora@uenp.edu.br)

Corpo Editorial: Anney T. Giordani;  
Diná T. Brito; Priscila A. B. F. Pires e  
Thiago A. Valente.